

## PARECER B

**Artigo ID:** 20975

**Completo em:** 2024-07-15 07:37 PM

**Recomendação:** Correções Obrigatórias

O artigo parte de uma questão pertinente e instigante da perspectiva dos estudos etnográficos urbanos, a saber, a análise etnográfica do processo de constituição da persona artística de um jovem morador do município de Imperatriz-MA (Edney Areia), buscando descrever seus agenciamentos e o repertório de táticas responsáveis por articular dimensões globais e locais, por meio da construção de vínculos pessoais e de conexões digitais produzidas através do uso de redes sociais. A discussão de como o jovem se move entre diferentes fronteiras (artísticas, urbanas, sociais, culturais, etc.) convoca o diálogo com o trabalho de Fredrik Barth.

No entanto, existem problemas que exigirão uma revisão bastante aprofundada do texto para uma eventual publicação. Primeiramente, a discussão com a obra de Barth, apesar de sua centralidade, é feita de uma forma muito inconsistente e pouco clara para o leitor. Esse problema, na verdade, ocorre não só no caso de Barth, mas também no caso de quase todas as citações e diálogos teóricos do artigo (Sposito, Sigault, entre outras/os autoras/es são trazidas/os de forma descontextualizada e descomplexificada. Noções e categorias retiradas de suas obras são jogadas no texto sem o devido esclarecimento e tratamento descritivo, como se o leitor já soubesse do que o autor está falando). Em síntese, o texto precisa de uma revisão expressiva quanto à forma de construção da reflexão teórica. Além disso, há incontáveis problemas de construção gramatical. O artigo requer uma revisão gramatical extremamente cuidadosa, tamanha a quantidade de problemas de pontuação, concordância, além de redundâncias, etc. As notas de rodapé requerem uma padronização e também precisam ser revistas. E as citações não estão padronizadas (há casos em que o nome da pessoa entrevistada é mencionado ao final e outros onde não há menção alguma. Em outros casos, comentários do autor são introduzidos no meio de uma fala do interlocutor sem qualquer separação [Ex de passagem na página 5: (...) Ton lhe presenteia sempre que possível com material artístico. Você vê essa tela aqui? Aponta para trás de si e exhibe o grande quadro ainda em branco, foi ele que me deu. Não seria possível eu tirar o alimento da minha família, para comprar uma dessas, por exemplo (...)]. De modo geral, recomendo a publicação mediante revisão substancial do artigo, tendo em vista os comentários acima.

Outros pontos que merecem atenção. O uso do termo "virtual" vem sendo profundamente combatido pela literatura contemporânea sobre etnografia digital. Sugiro trocar por "digital". Para mais detalhes, recomendo a leitura do texto de Christine Hine, intitulado: "A internet 3E1: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana".

A expressão "grafiteiros" também costuma ser problematizada por artistas dedicados às artes de rua. Sobre isso, ver, por exemplo o artigo de Gabriela Leal: "'Graffiti é existênci': reflexões sobre uma forma de cidadania"

Por fim, recomendo o artigo intitulado "Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa", de Aderaldo e Raposo, para pensar em estratégias para teorizar melhor a discussão sobre mobilidades e estratégias de circulação artística conectando as dimensões globais e locais.

Outra discussão de fundo, que talvez mereça um maior destaque no artigo é a discussão da escala urbana média. Sobre isso, recentemente foi publicada uma edição da revista *Illuminuras* dedicada ao tema da etnografia de cidades médias. Talvez valha a pena consultar o referido dossiê.